

O QUE VOCÊ APREENDEU DE SI MESMO HOJE?

A partir do pensamento junguiano, entendemos o conceito de imagem primordial como *percepção do instinto de si mesmo*, ou *autorretrato do instinto*, que também, não nos desobriga de ligá-las a imagens arquetípicas, que se repetem universalmente, de modo uniforme na existência da humanidade.

Quando uma imagem primordial significativa se nos afigura, em algum momento de nossas vidas, imagens como: Pai/Mãe e Filho, Professor/Aluno, Líder/Comunidade, Chefe Corporativo/Staff e outras tantas mais, estamos sujeitos, que da mesma forma que a apreensão consciente delas nos imprime determinado comportamento, uma apreensão inconsciente delas nos orienta a uma destinação do instinto, por meio dos arquétipos.

Algo como uma necessidade interior nos impulsiona a ela, mas com sua permissão, gostaria de propor uma provocação: Como esta imagem está representada no seu contexto pessoal? Como ela se apresenta à sua consciência, neste momento? Cito palavras de Carl Gustav Jung, como uma forma de apurar elementos para essa reflexão: “Assim como dizemos que o instinto é ‘refinado’, assim também a intuição, que põe em ação o instinto, isto é, a apreensão mediante o arquétipo, é de incrível precisão.” (Jung. C. G. OC 8/2 § 277).

A forma como apreendemos uma imagem arquetípica, ou seja, como podemos conhecê-la, percebê-la ou torná-la consciente, pode nada ter a ver com formas determinadas, aprendidas racionalmente. Pelo contrário, a psique pode trazer à tona, por meio da intuição, conteúdos psíquicos criativos e é por isso que palavras chave como autenticidade, autonomia, autoconhecimento, individuação, são importantes na equação que vai compor uma imagem de si mesmo.

As formas mapeadas, teóricas, condicionadas, nos servem como referência quando estamos escolhendo a palheta de tons que vamos dar a nossa composição; assim como, uma imagem ligada a uma determinada situação, pode provocar o seu instinto, porém quero dar foco às formas exageradas.

Como diz Jung: “O exagero, é de fato, uma peculiaridade humana universal.”, nos dedicamos ao estudo também das formas de reações desproporcionais, primeiro

por ameaçarem o reconhecimento de poderem ser formatos genuinamente criativos, e que por colocarem tudo em movimento, correm o risco de sofrerem fortes resistências, somente por provocarem mudanças nas abordagens que antes pareciam ter endereço postal certo.

Porém, formas exageradas podem sim serem candidatas a precisarem de um ajuste e nova adaptação: Alunos se apressam em mostrar tudo o que aprenderam, professores ficam hermeticamente detentores do saber, mães sofrem para se reencontrarem como mulheres ou profissionais, pais precisam ser heróis, filhos aos 25 anos ainda são filhos, líderes se restringem às leis de sua comunidade, e comunidades se limitam por já terem alguém para pensar por eles, chefes sentam-se em seus “tronos de couro legítimo” e colocam seu staff, vinte e quatro horas, se reportando a ele, e staff fantasiam o dia que irão virar o jogo.

Proponho uma citação que ilustra esta visão:

A psicologia analítica deve se ocupar diariamente, junto a pessoas sadias e enfermas, com perturbações das imagens primordiais no processo de apreensão consciente. As ações exageradas devidas à interferência do instinto são provocadas pelas formas intuitivas de apreensão postas em ação pelos arquétipos, formas estas que nos levam a impressões superintensas e muitas vezes verdadeiramente distorcidas. (Jung, C. G. OC 8/2 § 279).

Os arquétipos são formas de apreensão, e todas as vezes que nos deparamos com formas de apreensão que se repetem de maneira uniforme e regular, temos diante de nós um arquétipo, quer reconhecamos ou não o seu caráter mitológico. (Jung, C. G. OC 8/2 § 280).

Dentro do contexto da sua vida pessoal, em que grau de intensidade as circunstâncias o levaram a assumir estas posições de vida? Está confortável com a forma que apreendeu estas imagens primordiais? Ou percebe um sentimento de inadequação? Calma! Este não é um privilégio seu, e estamos todos sujeitos a precisar empreender um esforço de adaptação a elas.

Estes acontecimentos na vida são grandiosos e são também mestres, mas precisamos admitir quando estão em grau de intensidade incompatível com o que, suficientemente, precisam empreender ou representar. Uma mãe, demasiado mãe, um pai demasiado pai, um chefe demasiado chefe, um líder demasiado líder podem significar estar em desacordo com a proposta de vida. E estamos apenas propondo um diálogo aqui.

Honestamente, indico uma proposta de diálogo, e a psicologia analítica pode ser um caminho, uma linguagem efetiva sim. Com efeito, já não somos ingênuos em pensar que podemos esgotar uma força criativa, da ordem de uma imagem primordial e arquetípica, e muito menos confiar em uma configuração determinista para esta força natural em nós, e é justo por isso, que a psicologia analítica se coloca dentre as possibilidades de diálogo, por respeitar o constante movimento da psique.

A vida é uma dádiva única e maravilhosa, mesmo que guiados por uma força mestra, ainda assim somos dotados de criatividade para sermos o que queremos ser.

Sandra Paris

CRP 06/78740

sandraparispsicologa@gmail.com

Instagram: sandraparispsico